

**EM NOME DE UMA GUERRA RACIAL TOTAL: O ESTILO DISCURSIVO
DA ORGANIZAÇÃO KU KLUX KLAN NO CAMPO DAS MÍDIAS DIGITAIS**

**IN THE NAME OF AN ALL-OUT RACE WAR: THE DISCURSIVE STYLE
OF THE KU KLUX KLAN ORGANIZATION IN THE FIELD OF DIGITAL
MEDIA**

**EN NOMBRE DE UNA GUERRA RACIAL TOTAL: EL ESTILO
DISCURSIVO DE LA ORGANIZACIÓN KU KLUX KLAN EN EL ÁMBITO
DE LOS MEDIOS DIGITALES**

Marcos Alexandre Fernandes Rodrigues¹
Kelli Machado da Rosa²

RESUMO

Esta pesquisa prossegue em direção à análise dialógica do discurso da organização terrorista estadunidense *Ku Klux Klan* (KKK – doravante). Com efeito, objetiva-se compreender seu estilo de discurso com vistas a verificar a relação entre forma e conteúdo na produção de sentidos. A justificativa embasa-se na emergência dessa temática, uma vez que, por estar em atividade, essa organização tem a possibilidade de: i) alistar novos integrantes; ii) atacar grupos raciais; iii) coordenar atos de terror; iv) doutrinar seu interlocutor estadunidense ou brasileiro acerca da crença de superioridade e inferioridade racial; v) angariar criptomoedas. O referencial teórico-filosófico se respalda nas obras de Bakhtin (2015, 2016, 2017) e Volóchinov (2019a, 2019b, 2019c) no que tange à noção de forma, conteúdo e gênero discursivo. Em seu planejamento, fundamenta-se nestes cinco atos procedimentais: i) caracterização e escolha das organizações; ii) observação e registro das interações discursivas; iii) esboço das questões de pesquisa; iv) análise dialógica dos enunciados; v) escrita e apresentação da conclusão. Os resultados permitem a compreensão que a intenção estilística da KKK pressupõe uma batalha racial na qual grupos marginalizados perpetrariam um genocídio contra a população branca, o que lhe responsabilizaria eticamente a reagir.

Palavras-chave: Teoria Dialógica do Discurso e da Linguagem; Estilo Discursivo; Mídias Digitais; Ku Klux Klan.

ABSTRACT

This research proceeds towards the dialogical analysis of the discourse of the US terrorist organization *Ku Klux Klan* (KKK – henceforth). Indeed, the objective is to understand his speech style in order to verify the relationship between form and content in the production of meanings. The justification is based on the emergence of this theme, since, as it is active, this organization has the possibility of: i) enlisting new members; ii) attacking racial groups; iii) coordinate acts of terror; iv) indoctrinate his American or Brazilian interlocutor about the belief in racial superiority and inferiority; v) raising cryptocurrencies. The theoretical-philosophical framework is based on the works of Bakhtin (2015, 2016, 2017) and Volóchinov (2019a, 2019b,

¹ Mestre em Letras na área de concentração em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande (FURG). E-mail: rodmaf2@gmail.com

² Doutora em Letras na área de concentração em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: klro.rib@gmail.com



2019c) regarding the notion of form, content and discursive genre. In its planning, it is based on these five procedural acts: i) characterization and choice of organizations; ii) observation and recording of discursive interactions; iii) outline of research questions; iv) dialogic analysis of utterances; v) writing and presentation of the conclusion. The results allow understanding that the KKK's stylistic intention presupposes a racial battle in which marginalized groups would perpetrate genocide against the white population, which would make it ethically responsible for reacting.

Keywords: Dialogic Theory of Discourse and Language; Discursive Style; Digital Media; Ku Klux Klan.

RESUMEN

Esta investigación avanza hacia el análisis dialógico del discurso de la organización terrorista estadounidense Ku Klux Klan (KKK – en adelante). De hecho, el objetivo es comprender su estilo de habla para verificar la relación entre forma y contenido en la producción de significados. La justificación se basa en el surgimiento de este tema, ya que, al estar activa, esta organización tiene la posibilidad de: i) incorporar nuevos miembros; ii) atacar a grupos raciales; iii) coordinar actos de terror; iv) adoctrinar a su interlocutor americano o brasileño sobre la creencia en la superioridad e inferioridad racial; v) criar criptomonedas. El marco teórico-filosófico se fundamenta en los trabajos de Bajtín (2015, 2016, 2017) y Voloshinov (2019a, 2019b, 2019c) en cuanto a la noción de forma, contenido, género discursivo. En su planificación se basa en estos cinco actos procesales: i) caracterización y elección de organizaciones; ii) observación y registro de interacciones discursivas; iii) esquema de preguntas de investigación; iv) análisis dialógico de los enunciados; v) redacción y presentación de la conclusión. Los resultados permiten comprender que el estilo discursivo del KKK consiste en ciertos signos ideológicos para mostrar la existencia de una supuesta batalla racial de grupos marginados contra los blancos por un genocidio masivo, lo que éticamente lo haría responsable de reaccionar.

Palabras clave: Teoría Dialógica del Discurso y el Lenguaje; Estilo Discursivo; Medios Digitales; Ku Klux Klan.

INTRODUÇÃO

Após o término da Guerra de Secessão (1861-1865) entre a União e os Estados Confederados da América, seis veteranos, que lutaram pela confederação, reuniram-se em Pulaski, no Tennessee. Esses homens desenvolveram uma “interrelação sócio-hierárquica” (VOLÓCHINOV, 2019c, p. 280) ao criarem posições como *Grand Cyclops* (Grande Ciclope), *Grand Magi* (Grande Mago), *Grand Turk* (Grande Turco), *Grand Scribe* (Grande Escriba), *Night Hawks* (Falcões Noturnos) e *Lictor*. Tendo em vista as milícias brancas armadas que vigiavam e puniam escravizados, esses soldados compartilhavam o ponto de vista que, se criassem um grupo¹, salvariam o Sul do que compreendiam ser uma nova ameaça: a abolição da escravidão. Desse modo, faltava um nome para denominar seu grupo que, com o tempo, ao responder a vozes de terror e admiração, passou a ser conhecido como *Ku Klux Klan*².

Em dois anos de investigação, foi possível encontrar em funcionamento estas ramificações no campo das mídias digitais: *Church of the Ku Klux Klan* (Igreja da Ku Klux Klan); *American Christian Dixie Knights* (Cavaleiros do Sul da América Cristã); *East Coast Knights of the True Invisible Empire* (Cavaleiros da Costa Leste do Verdadeiro Império Invisível); *Ku Klos Knights* (Círculo dos Cavaleiros); *The Loyal White Knights of the Ku Klux Klan* (Os Leais Cavaleiros Brancos da Ku Klux Klan); *Oklahoma White Knights of the Ku Klux Klan* (Cavaleiros Brancos de Oklahoma da Ku Klux Klan); *Patriotic Brigade Knights of the Ku Klux Klan* (Brigada Patriótica da Ku Klux Klan); *White Camelia Knights of the Ku Klux Klan* (Cavaleiros da Camélia Branca da Ku Klux Klan); *Supreme Knights of the Ku Klux Klan* (Cavaleiros Supremos da Ku Klux Klan); e, por fim, *Mississippi White Knights of the Ku Klux Klan* (Cavaleiros Brancos do Mississippi da Ku Klux Klan).

Por conseguinte, o objetivo é compreender o estilo discurso da KKK, com particularidade para os Cavaleiros da Camélia Branca da Ku Klux Klan (WCKKKK, doravante) com vistas a verificar a relação entre forma e conteúdo na produção de sentidos. Por estar em atividade, a KKK apresenta uma rejeição a valores éticos atinentes à alteridade e à empatia na interação social com o outro visto como impuro e degenerado. Em oposição à proposta filosófica bakhtiniana, almeja se eximir de qualquer responsabilidade por seus atos, principalmente a iniciativa de uma guerra racial total para eliminar o negro, o judeu e o imigrante pobre da convivência.

Na atualidade, muito embora exista uma despreocupação com a atividade da KKK, visto não ser mais uma organização com milhões de membros, é preciso reconhecer que suas ramificações representam uma ameaça, considerando que sua lista de atividades pode incluir: i) recrutamento de novos membros; ii) arrecadação de fundos por meio de criptomoedas; iii) doutrinação do público em sua crença de superioridade/inferioridade racial; iv) negação do holocausto; v) compartilhamento de posições extremistas e polêmicas; vi) ataque a grupos raciais; vii) alerta sobre um suposto genocídio branco; viii) hostilidade em relação a processos migratórios; ix) alarme sobre a suposta globalização judaica e a dominação mundial; x) exaltação de um nacionalismo radical, expulsivo e xenofóbico.

A WCKKKK participa de uma rede global neonazista que reivindica um projeto de segregar, expatriar e eliminar o outro. No campo das mídias digitais, eliminam-se as linhas fronteiriças entre os países, tendo em vista que racistas brasileiros têm a



possibilidade de apreender e orientar para ressignificar esse discurso no cenário nacional. Não por acaso, sobretudo a partir da eleição de Jair Bolsonaro (2019-2022), surgiram manifestações públicas de admiradores da KKK. Em investigação, Rodrigues (2021a) destaca a manifestação de vários brasileiros no fórum *Stormfront* reivindicando o neonazismo, incluindo a defesa de uma *Klan* do Brasil.

Quanto ao referencial teórico-filosófico, respalda-se em obras de Bakhtin (2015, 2016, 2017) em interlocução com Volóchinov (2019a, 2019b, 2019c). Com esse fundamento, é possível conceituar, por intermédio de uma concepção dialógica de linguagem, a relação entre forma e conteúdo na constituição do estilo discursivo. É válido lembrar, com tal embasamento, que todo enunciado, uma unidade discursiva, é engendrado por elementos repetíveis (o significado determinado, o linguístico) e irrepetíveis (o sentido por vir, o discursivo), o que possibilita a afirmação de ser relativamente estabilizado. Assim, todo enunciado está situado em certo tempo-espaço e traduz as condições do campo de atividade humano que circula.

No planejamento desta pesquisa, escolheram-se estes atos procedimentais: i) caracterização e escolha das organizações; ii) observação e registro das interações discursivas; iii) esboço das questões de pesquisa; iv) análise dialógica dos enunciados; v) escrita e apresentação da conclusão. Em 2020, ao investigar uma rede global de organizações neonazistas, a KKK e suas ramificações foram descobertas por estes pesquisadores. Apesar de isso ser desconhecido, seus atuais magos imperais (líderes) tiveram origem em partidos neonazistas, o que demonstrou o fato de ter sido nazificada com o tempo, inclusive ao assumir a saudação romana e a queima de suásticas. Além disso, em suas páginas digitais, houve a gravação do material por meio do programa *OBS Studio*, porque eram instáveis, o que garantiu o desenho das questões de pesquisa e posterior análise dialógica dos enunciados coletados.

No que tange aos critérios para escolher o *corpus*, priorizaram-se: i) o impacto social; ii) os temas abordados; iii) o período da publicação. Com isso, o enunciado a ser examinado, estruturado no gênero discursivo artigo de opinião, possui impacto social, porquanto ataca grupos raciais, tais como negros, judeus e latinos, humilhando-os e inferiorizando-os na intenção de legitimar um projeto de dominação social, o que acentua, axiologicamente, a violência colonial estruturada na sociedade estadunidense. Quanto aos temas abordados, verificam-se, em seu ponto de vista racista: i) opressão vivenciada pelo branco; ii) genocídio que comprometeria a pureza racial e linhagem



cultural do branco; iii) aumento da criminalidade por parte de grupos raciais; iv) manipulação da mídia por parte de judeus. A coleta do *corpus* intercorreu em 2020 no mês de dezembro.

Finalmente, para orientar o público-leitor, cumpre destacar que este artigo é composicionalmente constituído por três seções. A primeira é designada “Ku Klux Klan: origem, seus magos imperiais e práticas de exclusão social”, em que se estuda a KKK na história dos EUA logo após a Guerra Civil até a atualidade. A segunda é intitulada “O estilo discursivo: problematizações sobre forma, conteúdo e campo de atividade”, na qual se averigua a constituição do estilo discurso e a influência do campo de atividade. A terceira é chamada “Práticas de análise dialógica do discurso dos Cavaleiros da Camélia Branca da Ku Klux Klan”, a fim de se analisar, dialogicamente, o artigo de opinião.

KU KLUX KLAN: ORIGEM, SEUS MAGOS IMPERIAIS E PRÁTICAS DE EXCLUSÃO SOCIAL

No contexto pós-Guerra Civil, foi fundada a KKK em 1865 com a finalidade de obstruir qualquer direito conquistado pela população negra, mas a ela não se restringindo, pois também tornou imigrantes pobres, judeus e outros grupos racializados alvo de suas ameaças. Essa organização, com o passar do tempo, radicalizou suas práticas, de tal maneira que assassinou e torturou negros por conceber que fossem racialmente inferiores. Nessa perspectiva, não tinha qualquer apreço por “traidores de raça brancos”³, em suas palavras, por julgar que sua pretensa linhagem genética pura estaria se degenerando com uniões interracialis.

Em 1867, integrantes da KKK decidiram promover o que ficou conhecido como Convenção de Nashville, no Tennessee. Essa reunião recebeu milhares de cidadãos do oeste do Tennessee, norte do Alabama, parte da Geórgia e também do Mississippi (SPLC, 2011). Por conseguinte, o império invisível⁴ suscitou um aumento na violência durante as patrulhas noturnas, já que a organização ganhou mais apoio da população sulista.

William Brownlow, Governador do Tennessee (1865-1869), recorreu à infiltração de espões na KKK para conhecer suas atividades e avaliar a ameaça que ela representava para o seu estado. Ao enviar três homens para investigar, no entanto, o Governador não considerou as consequências potenciais da ação e os espões acabaram mortos por membros da organização (SPLC, 2011).

Nesse momento, o General Nathan Bedford Forrest foi alçado à posição sócio-hierárquica de mago imperial da KKK após a Convenção de Nashville. Em 1868, as mutilações e linchamentos se radicalizam e, em resposta a isso, o Congresso Nacional aprovou leis para combater tal organização. À vista disso, assegurou-se que patrulhas noturnas e máscaras fossem proibidas ao facilitar a prisão de integrantes da KKK. Apesar disso, o terror provocado foi tal que obstruiu o exercício de um direito constitucional aos negros, o voto (SPLC, 2011).

Desde a Guerra Civil, a imposição das Leis Jim Crow concretizou-se como uma reação racista à abolição da escravidão. Esse conjunto de normas, tal como pressupõe o relatório da SPLC (2011), estabeleciam a segregação racial em diversos aspectos da vida social, como no transporte, educação, votação, saúde e alimentação, sob a premissa de que os indivíduos seriam “separados, mas iguais”.

Com a perda de autoridade da KKK, seus membros passaram a explorar o medo da imigração na sociedade, buscando afirmar uma posição nativista e racista contra aqueles que eram considerados “inferiores”. Segundo o relatório da SPLC (2011), cerca de 23 milhões de europeus emigraram para os EUA no início do século XX. A KKK utilizava a discriminação racial como uma forma de impedir que imigrantes tivessem acesso a direitos humanos e incentivava manifestações de xenofobia, disseminando a ideia de que os imigrantes roubariam empregos e degenerariam a raça.

Depois de Forrest, William Simmons tornou-se o novo mago imperial da organização em 1915. Ele reuniu 15 amigos em um ônibus alugado supostamente na véspera de Ação de Graças. Conforme o relatório da SPLC (2011), a finalidade de Simmons era a de ganhar dinheiro, o que foi materializado com a contratação de dois publicitários, Edward Young Clarke e Elizabeth Tyler. Com a publicidade que as mídias analógicas poderiam fornecer, a ideia era ressignificar a imagem da KKK como pró-americana. De fato, isso parece ter funcionado, porque tal organização tinha aproximadamente 100.000 membros em 1921, que contribuíam com 10 dólares cada um.

Ao buscar expandir os recursos da KKK, Edward Clarke propôs a criação de editoras e empresas que trabalhassem para a organização, além de investir em imóveis. No entanto, essa crescente influência econômica e social teve como consequência a intensificação da violência contra os alvos da KKK, conforme apontado pelo relatório da SPLC (2011). Há a suspeita de que policiais, prefeitos e juízes fossem membros ou,



no mínimo, coniventes com a organização, visto que poucos de seus integrantes foram presos ou condenados por suas práticas de exclusão social.

No final da década de 1920, Hiram Wesley Evans subiu ao posto de mago imperial após um golpe interno na organização. Sua liderança autoritária resultou em punições brutais, como chicotadas, açoitamentos e até fuzilamentos contra aqueles julgados degenerados pela sociedade da época. De acordo com o relatório da SPLC (2011), uma mulher e seu filho foram chicoteados 60 vezes por uma acusação de imoralidade.

No ano de 1925, Evans liderou um desfile da KKK composto por 40.000 membros que percorreram a avenida Pensilvânia até o monumento de George Washington (SPLC, 2011). Naquele período, o “pânico vermelho” em relação aos comunistas oferecia um subterfúgio para a KKK continuar a propagar sua palavra de ódio⁵ e recrutando novos membros. Como uma organização nacionalista e supremacista branca, a KKK concebia católicos, judeus e comunistas como inimigos a serem combatidos.

Durante os anos 1940, Samuel Green se destacou como uma liderança da KKK, promovendo um discurso que reforçava o racismo contra judeus e negros, expressava hostilidade religiosa em relação ao catolicismo e era contrário ao comunismo (SPLC, 2011). Green tinha o projeto de reorganizar a KKK em vários estados, incluindo Califórnia, Kentucky, Nova York, Nova Jersey, Pensilvânia, Geórgia, Carolina do Sul, Tennessee, Flórida e Alabama, e não estava sozinho, já que outras lideranças também surgiram nessa época.

Durante a Era dos Direitos Civis, a Suprema Corte invalidou a ideia racista e segregacionista de “separados, mas iguais”, o que gerou uma reação racista por parte de brancos e contribuiu para o fortalecimento da KKK. Foi nesse contexto que Eldon Edwards fundou a *U. S. Klan, Knights of the Ku Klux Klan* (U. S. Klan, Cavaleiros da Ku Klux Klan) em Atlanta na década de 1950 e conseguiu recrutar entre 12.000 e 15.000 membros até o final da década (SPLC, 2011).

Em prosseguimento, Robert M. Shelton fundou a *United Klan of America* (Klan Unida da América, UKA, doravante) e conseguiu recrutar entre 35.000 e 50.000 membros em 1965. No final da década de 1970, de acordo com o relatório da SPLC (2011), a KKK contava com cerca de 75.000 simpatizantes ativos que compartilhavam de seus valores ideológicos e participavam de comícios. Na concepção de Ponzio



(2010,), isso poderia ser observado como um “coro de apoio” que acentua as posições axiológicas da organização.

Diante desse contexto, David Duke⁶ empenhou-se em mudar a valoração social no que concerne à KKK, uma vez que seus trajes, sua voz, suas manifestações e seus hábitos convocavam/convocam ao ódio contra grupos raciais dominados em convergência com eventos de tortura e assassinato do passado. Para alcançar esse objetivo, ele percorria o país, concedendo entrevistas em rádios e televisões ao disfarçar seu extremismo racial, com o intuito de recrutar novos integrantes (SPLC, 2011). Em 1975, Duke fundou os *Knights of the Ku Klux Klan* (Cavaleiros da Ku Klux Klan).

Na liderança da KKK, Don Black⁷ substituiu Duke e, em pouco tempo, foi detido ao fracassar em um golpe de estado na Dominica. Além dele, havia Bill Wilkinson que tinha apreço pela publicidade das mídias analógicas ao aparecer em fotos de jornais com seus guarda-costas cada um portando uma submetralhadora (SPLC, 2011).

Bill Wilkinson foi extremamente agressivo no que compete ao recrutamento de jovens, montando um acampamento para a KKK no Alabama, onde crianças eram treinadas nos jogos de armas e ensinadas com apoio de valores racistas. Em 1979, houve um trágico incidente envolvendo adolescentes que queimaram um ônibus escolar, conforme o relatório da SPLC (2011).

É importante lembrar da estratégia de recrutamento adotada por Glenn Miller, um membro do Partido Nacional-Socialista da América, uma organização neonazista que se apresentava como um partido político, como apontado pelo relatório da SPLC (2011). Miller buscava atrair novos membros para sua organização e, quando a suástica não obteve sucesso, ele mirou no sul dos EUA para recrutar para os *Knights Carolina Knights of the Ku Klux Klan* (Cavaleiros da Carolina da Ku Klux Klan), atraindo indivíduos de outras ramificações da KKK que não estavam tão ativas.

Além de liderar marchas, Miller⁸ também fundou um jornal intitulado *The White Carolinian* (A Carolina Branca) e utilizou programas de rádio para divulgar seu pensamento racista. Assim como outros líderes da KKK, Miller tentou, sem sucesso, concorrer a cargos públicos, o que gerou publicidade para a sua organização em 1984.

Muito embora a KKK e o neonazismo sejam movimentos diferentes, compartilham valores atinentes à eliminação do outro. Há de se lembrar que a organização supracitada foi nazificada com o tempo. Prova disso, são os líderes Duke, Black e Miller que tiveram origem em partidos neonazistas. De fato, o supremacismo

branco em geral promove a exclusão e morte de grupos étnicos e religiosos, o que explica o fato de Miller ter apreendido e orientado para a sua organização a saudação romana graças à valorização da “ideologia do cotidiano” (VOLÓCHINOV, 2019b, p. 260) que atribui sentido ao ato, nesse caso, o de enaltecimento do branco.

De acordo com o relatório da SPLC (2011), a sobreposição de ideologias entre a KKK e o neonazismo atraiu uma nova geração de jovens fanáticos. Esses indivíduos são caracterizados por uma postura mais radicalizada e extremista, que têm acesso a táticas de guerrilha e armamentos pesados, como armas de assalto, granadas, foguetes, lançadores e explosivos. Eles estão dispostos a promover uma “guerra racial total” em busca de seus objetivos de supremacia branca e exclusão de grupos étnicos e religiosos.

Com a queda da UKA, a *Knights of the Ku Klux Klan* (Cavaleiros da Ku Klux Klan), liderada por Thom Robb, destacou-se pelo número significativo de membros (SPLC, 2011). Utilizando estratégias já empregadas por líderes anteriores, a organização valorizou a publicidade como ferramenta importante de recrutamento. Nos anos 1990, Robb apareceu em programas de entrevistas de televisão, assim como David Duke, reforçando o processo de angariação de novos membros para sua organização de terror branco.

Segundo o relatório da SPLC (2011), membros da organização liderada por Robb emigraram para a *KKK Federation* (Federação da KKK), de Ed Novak, pois representava uma expressão mais potente do neonazismo estadunidense. Esses indivíduos foram atraídos por essa organização por compartilharem visões ideológicas semelhantes. É importante destacar que Novak tinha vínculos com o Partido Nacional-Socialista da América e o Partido Nazista Americano, o que reforçou ainda mais seu extremismo racial.

Por fim, nesta oportunidade, o surgimento da KKK após a Guerra de Secessão foi resultado de um objetivo dos brancos sulistas para a exclusão e eliminação do outro humilhado recém-liberto da escravização, o negro. Embora tenha operado em um contexto histórico e político sob os valores autoritários e segregacionistas das Leis Jim Crow, a KKK não buscou subverter esse sistema de racismo estrutural-institucional, mas, sim, (re)produzir sua agenda discriminatória com o recrutamento de novos integrantes a partir das mídias analógicas. Ao longo do tempo, essa organização de terror nazificou-se em grande parte devido à presença de lideranças que vieram de partidos



neonazistas. Atualmente, possui páginas digitais para que possa continuar com seus objetivos estabelecidos à época da Guerra Civil.

O ESTILO DISCURSIVO: PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE FORMA, CONTEÚDO E CAMPO DE ATIVIDADE

Refletir sobre a forma, conteúdo e campo de atividade é essencial para a constituição do estilo discursivo. O discurso, por sua orientação dialógica, reestrutura-se na interação com outros discursos, uma vez que se sucede um processo de apreensão e transmissão ao serem respondidos, o que demonstra a relevância de uma concepção dialógica da linguagem. Para embasar essa reflexão, é possível recorrer a obras como *A palavra na vida e na poesia*, de Volóchinov, *Gênero do discurso* e *Teoria do romance I*, de Bakhtin.

Consoante a concepção de Volóchinov (2019c), a língua não é uma entidade estática e imutável, mas, sim, algo em constante movimento na vida, que se manifesta através de enunciados da comunicação sociodiscursiva em vários campos⁹, como o cotidiano, artístico, linguístico, literário e filosófico, que organizam e finalizam a forma gramatical e estilística do enunciado. Os enunciados têm características composicionais, temáticas e estilísticas relativamente estáveis. Eles também são inconclusivos, porque fazem parte de um grande diálogo social, respondendo a enunciados anteriores e preparando o terreno para enunciados posteriores.

Ao relevar os elementos que constituem o enunciado, como estilo, composição e conteúdo temático, é imprescindível levar em conta o contexto social que envolve a interação entre locutor e interlocutor (VOLÓCHINOV, 2019c). O enunciado possui uma potencialidade sógnica e seu sentido é ampliado pelo aspecto extraverbal que o constitui, como a situação e o público presente ou presumido¹⁰. Além disso, o peso social e hierárquico do auditório também influencia os aspectos constituintes do enunciado.

É fundamental ressaltar que, apesar de ter uma mesma expressão linguística e um significado determinado, pode gerar diversos sentidos na interação social. Segundo Volóchinov (2019c), é essencial compreender o onde e o quando em que ocorre a interação, o tema discutido e a avaliação compartilhada entre locutor e interlocutor. Essa orientação social organiza a estilística e a estrutura gramatical do enunciado.

Dessa forma, essa unidade discursiva é composta pelo seu conteúdo, que se refere à sua estrutura semântica e temática, e pela sua forma, que se relaciona à seleção



e disposição das palavras na estrutura do discurso. Há também o tom expressivo, que pode ser entendido como a expressão sonora da avaliação social. Esse tom é influenciado pela situação social e pelo peso sócio-hierárquico do auditório (VOLÓCHINOV, 2019c).

Para dar continuidade à presente discussão, é relevante mencionar a contribuição de Bakhtin (2016) sobre o gênero discursivo e seu campo atividade humana. Segundo o filósofo, todos campos de atividade humana utilizam a linguagem e possuem seu próprio repertório de gêneros discursivos. A língua nacional é caracterizada por uma estratificação histórica, ideológica, cultural e social em diversos gêneros discursivos, conforme aponta Bakhtin (2015). Cada enunciado pode ser considerado como um tipo de gênero que reflete as particularidades de um determinado campo de atividade.

Todo campo de atividade está relacionado com o uso da linguagem, de tal maneira que todo enunciado traduz as finalidades de cada campo em seu conteúdo temático, composição estrutural e estilo (BAKHTIN, 2016). Esses elementos constituintes estão relacionados no todo do enunciado elaborado por cada campo de utilização da língua. Desta feita, tem razão Bakhtin (2016, p. 18) ao afirmar que: “O estilo é indissociável de determinadas unidades temáticas e - o que é de especial importância - de determinadas unidades composicionais [...]”.

Bakhtin (2016) destaca que há uma distinção entre os gêneros discursivos primários, considerados simples, e os secundários, que são mais complexos. Os gêneros primários correspondem a formas de comunicação sociodiscursiva imediatas na interação social, como as conversas cotidianas sobre o clima, trocas informais sobre acontecimentos. Já os gêneros secundários, por sua vez, apresentam um grau maior de complexidade e podem integrar elementos dos gêneros primários, perdendo assim sua relação direta e imediata com a realidade.

De qualquer forma, é importante ressaltar que cada gênero discursivo possui uma função ideológica específica - seja ela cotidiana, política, científica ou oficial. A escolha de palavras e sua organização dentro do texto são atos estilísticos que permitem ao locutor expressar sua intenção na interação social¹¹. Como apontado por Bakhtin (2016), a escolha de cada palavra e sua disposição no gênero discursivo é de suma importância para a constituição e expressão da intenção estilística do locutor.

O enunciado¹² possui uma relativa estabilidade e pode permitir uma maior ou menor expressão da intenção estilística do locutor. Nessa discussão, é válido insistir que



o tom utilizado ao enunciar é uma expressão da avaliação que é formada pela situação social e pelo peso sócio-hierárquico dos interlocutores presentes ou presumidos na relação entre o explícito e implícito.

Assim, Volóchinov (2019c) observa os três aspectos do subentendido na parte extraverbal do enunciado:

[...] o *espaço* e o *tempo* do acontecimento do enunciado (o ‘onde’ e o ‘quando’), o objeto ou *tema* do enunciado (‘sobre o quê’ se fala) e a *relação* dos falantes com o ocorrido (‘avaliação’) –, convenciamos chamar por uma palavra já conhecida: *situação* (VOLÓCHINOV, 2019c, p. 285, grifos do autor).

Em conclusão, a fim de acorrer a boa compreensão desta seção, estudou-se a constituição estilística do discurso com especificidade para sua forma, conteúdo e campo de atividade. O discurso possui uma orientação dialógica, porque nele se constituem outros discursos, o que influencia a elaboração de normas estilístico-composicionais. Todo enunciado, unidade do discurso, transita em um campo de atividade, o que, devido a suas condições, influencia a constituição de seus elementos estruturantes.

PRÁTICAS DE ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO DOS CAVALEIROS DA CAMÉLIA BRANCA DA KU KLUX KLAN

Ao analisar a atividade discursiva da KKK, é perceptível que essa organização possui uma posição fundamentalista e extremista, que utiliza a palavra divina para justificar seus ataques a grupos raciais, visando uma “solução final” para seu problema. Essa organização terrorista defende a existência de um suposto “Jesus Ariano”, que teria sido o primeiro ariano a pisar na terra, o que legitimaria a superioridade da “raça” estadunidense e europeia quanto às demais. De acordo com essa visão, somente com o apoio do Jesus Ariano seria possível julgar moral e racialmente as outras “raças”.

Em seu discurso, a KKK mobiliza signos ideológicos que sugerem uma espécie de guerra racial santa de imigrantes, negros, pobres e judeus contra brancos protestantes. Para produzir efeitos de evidência, utiliza uma linguagem matemática com índices que, segundo eles, comprovariam um declínio populacional da raça branca. Nessa perspectiva, surge a pergunta do locutor: “Você está preparado para impedir o genocídio branco?”.

Ao enunciar seus discursos, a KKK expressa três pontos de vista que ressignificam cronotopicamente a imagem dos EUA em relação ao passado, presente e futuro, refletindo relações culturais e históricas. No que diz respeito ao passado, essa organização valoriza a ideia de conquista, linhagem e memória branca, considerando esse período como o momento de glória do branco. No presente, sustenta que há uma ameaça à humanidade e à cultura branca, proveniente de grupos raciais que receberiam assistência governamental em detrimento dos brancos. Em relação ao futuro, sugere que ou haverá a completa eliminação dos outros grupos raciais, ou a destruição total da população branca, dependendo do que acontecer no presente. Isso caracteriza o estilo de um discurso de pânico e terror em relação aos brancos, visando influenciá-los para seu projeto de dominação racial.

Leia-se o artigo de opinião feito pela organização de terrorismo racial WCKKKK a seguir:

Quadro 1. Guerra racial total

1	Muitas vezes nos perguntam se haverá uma guerra racial no futuro da América. Nossa resposta a
2	essa pergunta é “sim”. O que a maioria das pessoas não percebe é que há batalhas raciais
3	acontecendo por toda a América agora. Essas batalhas raciais vão nos levar a uma guerra racial
4	total. À medida que a população de raça não branca está crescendo, a população branca está
5	diminuindo.
6	Nossa constituição foi projetada para a América cristã branca por cristãos brancos e não será
7	adequada ou aceita por não-brancos no futuro. Hoje, a maioria dos negros e outros não-brancos
8	culpam os brancos por tudo que deu errado em suas comunidades. Eles esperam que os
9	contribuintes brancos resolvam seus problemas financeiramente; os brancos estão cansados de
10	assumir a culpa e não estão mais dispostos ou são capazes de apoiar as comunidades não-
11	brancas. Isso, é claro, gerará ainda mais ódio contra os brancos.
12	Grupos negros organizados, como a Nação do Islã, estão trabalhando para o dia em que os brancos
13	serão escravizados e toda a história americana branca será destruída. Louis Farrakhan, o líder da
14	Nação do Islã, trabalhou diligentemente para construir um exército de homens e mulheres negros
15	para travar uma guerra contra a América Branca. Muitos de seus recrutas saem da prisão e das
16	gangues de rua. Eles são as pessoas mais violentas que andam pelas ruas da América hoje.
17	Policiais brancos estão achando quase impossível fazer cumprir a lei em comunidades não-
18	brancas por medo de iniciar um tumulto ou ser acusado de violar os direitos civis de alguns não-
19	brancos. Nossa economia americana vai desempenhar um fator importante no próximo conflito
20	racial. À medida que mais e mais fábricas partem para terras estrangeiras, deixando-nos com
21	menos empregos bem remunerados e com cortes em programas federais para minorias.
22	Acreditamos que o governo federal se tornou um inimigo da América Branca e parece estar
23	ajudando a provocar um conflito racial. Os israelitas cristãos brancos nunca tiveram permissão
24	para se misturar com outras raças, mas por anos o governo federal empurrou a mistura de raças e
25	a imigração não-branca descontrolada em nosso país. Os federais uniram as raças e tudo o que
26	conseguiu foi mais violência em nossas escolas e bairros.
27	Os filhos de Satanás, “judeus” trabalharam muito e arduamente para destruir a América Branca e
28	os seguidores de Cristo. A agitação e o conflito raciais são apenas outra maneira de atacar o povo
29	escolhido de Deus. Os brancos estão sendo roubados, estuprados e assassinados em um ritmo
30	cada vez maior por não-brancos. Nossos sistemas prisionais estão transbordando de não-brancos
31	que odeiam nosso povo. Tem sido relatado que os negros representam apenas 12,5% da população
32	de nossas nações, mas eles representam mais de 60% da população carcerária e os não-brancos
33	em geral representam mais de 80% da população carcerária total. É óbvio quem está cometendo
34	a maioria dos crimes na América. Está chegando ao ponto em que as brancas não serão capazes



35	de pagar e manter essa tendência destrutiva por muito mais tempo. Nossa civilização está se
36	deteriorando por causa de um experimento social chamado igualdade racial. Forçado em nós pelo
37	governo satânico profano. O uniforme que comporá os diferentes jogadores na próxima guerra
38	será a cor da pele de cada um. Os Cavaleiros da Camélia Branca da Ku Klux Klan acreditam que
39	é hora dos brancos se prepararem para o que será uma luta dura e sangrenta, não apenas entre as
40	raças, mas uma batalha entre as forças do bem e do mal.

Fonte: Cavaleiros da Camélia Branca da Ku Klux Klan ([entre 2000 e 2020], n.p.)

Com base na leitura de *Para uma filosofia do ato responsável*, de Bakhtin, sabe-se que o sujeito não possui um alibi na existência, porque responsável por seu ato ético na interação social com o outro. Nesse sentido, é interessante analisar como o locutor, presente nesse enunciado, tenta se eximir de qualquer responsabilidade por seus atos na expectativa de poder legitimá-los¹³. Assim, seriam grupos racializados que encetariam uma guerra racial, o que incumbiria o branco a reagir, pois sua linhagem sanguínea e cultural dependeria disso.

Além da linguagem verbal, é possível identificar a utilização da linguagem vocal e visual, muito embora não esteja materializada. O locutor, ao proferir/escrever seu enunciado com um tom de pânico, busca alertar o público branco estadunidense sobre os perigos de conviver com aqueles julgados degenerados na sociedade. Isso contribui para uma resignificação da imagem dos EUA como um país marcado por conflitos raciais.

O locutor, ao adotar uma postura sócio-hierárquica e ao simular um diálogo com o interlocutor presumido, responde à questão sobre a possibilidade de ocorrer uma guerra. Ele se apresenta como um branco supostamente preocupado com os temas nacionais e raciais, inserido na organização WCKKKK. Diante disso, haveria “batalhas raciais acontecendo por toda a América agora” (linhas 2 e 3), uma “guerra racial total” (linhas 3 e 4). Há, nesse enunciado, o uso de uma linguagem bélica combinada a uma cristã-fundamentalista que, com um tom de alarde, traduz um sentimento emotivo-volitivo que demoniza e inferioriza o outro visto como impuro.

Com uma linguagem institucional, calcada no racismo estrutural, o locutor afirma isto: “Constituição foi projetada para a América cristã branca por cristãos brancos e não será adequada ou aceita por não brancos no futuro” (linhas 6 e 7). A voz presente nesse trecho concebe, na verdade, inconstitucional qualquer direito conquistado pela população negra após a Guerra Civil, porque seleciona estes signos: “Constituição foi projetada para a América cristã branca”. Por isso é que, na atualidade, a KKK reivindica os valores assentados pelos Estados Confederados da América, porquanto representam



um objetivo de novamente escravizar o negro. Uma “América cristã branca” é um país com a exploração ou expatriação desse outro.

Em seguida, para compor o projeto arquitetônico do locutor, são selecionados signos ideológicos como “brancos estão cansados de assumir a culpa” (linhas 9 e 10). Essa escolha estilística traz à tona a temática do privilégio racial, uma vez que, na sociedade estadunidense, a estrutura de dominação racial garantiu aos brancos benefícios materiais e simbólicos, como a conquista de bens e oportunidades (ALMEIDA, 2020; MOREIRA, 2020; SCHUCMAN, 2012). Ao negar essa realidade, o locutor sugere ser injustiçado por ser branco e, com isso, ter responsabilidade de reparo histórico. Dessa forma, isso produziria “ainda mais ódio contra os brancos” (linha 11), o que faz crer em um ódio transgeracional.

Para justificar essa postura, utilizam-se estilisticamente os signos ideológicos “história americana branca”, que evocam um período de conquistas e uma suposta continuidade de uma linhagem racial que se sente ameaçada nos dias atuais. Essa linguagem saudosista reflete um tempo no qual a segregação e a exploração do outro eram legalizadas em favor da supremacia branca. Embora essa visão nostálgica ressalte valores como a devoção ao cristianismo puritano, a construção da família e a preservação da linhagem, em fato, escamoteia um processo de opressão, exploração e exclusão de grupos marginalizados.

Para recrutar novos membros, ao reforçar seu tom de pânico, torna o outro uma ameaça. Nesse ponto de vista, o locutor afirma que: “Louis Farrakhan, o líder da Nação do Islã, trabalhou diligentemente para construir um exército de homens e mulheres negros para travar uma guerra contra a América Branca” (linhas 13, 14 e 15). Ao reivindicar uma linguagem bélica, torna homens e mulheres negros muçulmanos soldados em razão de um suposto projeto de dominação da organização *Nation of Islam* (Nação do Islã), presidida por Louis Farrakhan.

Conseqüentemente, identifica-se o outro como inimigo que, por assim agir, deveria ser legitimamente exterminado nessa perspectiva. Desse modo, a KKK desarticulária esse plano de destruição em prol do branco, puritano, homem, heterossexual e estadunidense nessa linguagem cívico-nacionalista. Esses soldados do mal, nessa visão binária, seriam “as pessoas mais violentas que andam pelas ruas da América hoje” (linha 16).



No que tange ao tema da economia, a visão do locutor é a de que o trabalho digno e íntegro seria uma característica do branco, tendo em vista que negros e imigrantes ilegais viveriam a partir do assistencialismo governamental. “À medida que mais e mais fábricas partem para terras estrangeiras, deixando-nos com menos empregos bem remunerados e com cortes em programas federais para minorias” (linhas 20 e 21). Nessa articulação entre dito e não-dito, afirma-se ser um problema fábricas estadunidenses instalarem-se no “terceiro-mundo” em detrimento do “americano”, pois provocaria “menos empregos bem remunerados e com cortes em programas federais para minorias”. Conseqüentemente, tenta colocar em pânico o branco de classe baixa no que concerne ao desemprego. Quando seleciona o signo ideológico “minorias”, não se trata do negro, imigrante e pobre, mas do branco que seria lesado pelo outro.

Negros com a miscigenação, judeus com a dominação global, imigrantes com o roubo de empregos e a classe política com a corrupção seriam os álibis que possibilitariam um extermínio racial. “Acreditamos que o Governo Federal se tornou um inimigo da América Branca e parece estar ajudando a provocar um conflito racial” (linhas 22 e 23). Essa é a posição enunciativa adotada, porque, para a KKK, o campo político é estratégico para adotar suas leis de limpeza social, tais como a de abolir Emendas Constitucionais, escravizar o negro, deportar estrangeiros, proibir casamentos interracialis, de tal maneira a criar um Etnoestado branco a partir de uma sociedade autoritária e totalitária.

Como exemplo, menciona-se isto: “israelitas cristãos brancos nunca tiveram permissão para se misturar com outras raças, mas por anos o governo federal empurrou a mistura de raças e a imigração não-branca descontrolada em nosso país” (linhas 23, 24 e 25). Percebe-se que, quando os signos ideológicos “israelitas cristãos brancos” são mobilizados, reflete-se a ideia de um povo escolhido por deus cuja característica é o fenótipo branco e refrata a ideia de que somente ele poderia preservar uma linhagem genética e cultural pura. De acordo com o ponto de vista supremacista, esse povo não teria tido “permissão para se misturar com outras raças”, o que é uma falácia. Em primeiro lugar, não há raça em sentido biológico. Em segundo lugar, jamais existiu uma norma que proibisse casamentos entre brancos devido à sua etnia.

Aliada a essa política, haveria a imposição da “mistura de raças” por parte da classe política. Na seleção desses signos ideológicos, observa-se haver um embate de pontos de vista, porquanto, de um lado, haveria quem decidisse preservar a raça pura e,

de outro, quem decidisse contaminá-la. Na história dos EUA, verifica-se o discurso eugenista desde a colonização europeia, na medida em que, na Virgínia, era punível com a morte quem abandonasse o assentamento para ter relações com índios (GRANT, 2014).

Outro aspecto abordado é a dita imposição de uma “imigração não-branca descontrolada em nosso país”, que parte do pressuposto de que o Governo Federal estadunidense tentaria comprometer uma suposta linhagem “pura” de sangue. Conforme essa visão, o Governo permitiria e forçaria a entrada de imigrantes não brancos em todo o país. É por isso que, nos artigos da KKK, o signo ideológico “imigrante ilegal” é frequentemente utilizado como forma de disseminar a visão xenofóbica de que seria ilegal pisar nos EUA, independentemente da documentação apresentada, quando se tem uma origem nacional não aceita.

O locutor da KKK também mobiliza os signos ideológicos “filhos de Satanás” (linha 27), que engloba grupos racializados como judeus, negros e imigrantes pobres, que seriam responsáveis por destruir a América branca e os “seguidores de Cristo” (linha 28). Segundo essa visão, a agitação e os conflitos raciais seriam apenas outra forma de atacar o povo escolhido de deus. Vale destacar que o movimento neonazista emprega os signos “conflitos raciais” ao perceber manifestações em prol dos direitos civis, pois abomina qualquer mudança no *status quo* da sociedade.

De acordo com Volóchinov (2019a, p. 123), a “[...] entonação estabelece uma relação estreita da palavra com o contexto extraverbal: é como se a entonação viva levasse a palavra para fora dos seus limites verbais”. No contexto da interação entre o locutor e o interlocutor, o uso dos signos ideológicos “filhos de Satanás” expressa um tom de desprezo para com aqueles que não seriam considerados “seguidores de Cristo”, como os grupos racialmente marginalizados visados no discurso analisado. Esse tom é direcionado tanto a um interlocutor presumidamente ideal que compartilha esses valores com o locutor quanto a um interlocutor indesejado que rejeita esses valores.

Nesse ponto de vista, ainda, o inimigo roubaria, estupraria e assassinaria os seguidores de Cristo na “América Branca”. Prova disso, seriam os sistemas prisionais que, por isso mesmo, estariam transbordando de não brancos que odiariam particularmente esse povo cristão. Para reforçar essa posição ideológica, o locutor, com sua voz eivada em ódio, engendra uma linguagem matemática ao defender que 12, 5% da população representaria a população negra e, nesse universo, 80% a carcerária total.



“É óbvio quem está cometendo a maioria dos crimes na América” (linhas 33 e 34), o que indicaria uma tendência destrutiva por parte de grupos racializados dominados.

“Nossa civilização está se deteriorando por causa de um experimento social chamado igualdade racial” (linhas 35 e 36). Nesse enunciado, a voz desse locutor, constituída de uma linguagem supremacista branca e pseudocientífica, prenuncia a deterioração da pureza racial que seria causada por força dos movimentos em nome da igualdade, o que seria orquestrado pelo “governo satânico profano” (linha 37), uma força do mal. Tão logo, sobre a imagem da guerra racial total, dividir-se-ia entre destruição e restauração em que cada força usaria um uniforme com sua respectiva cor, negra e branca. “Os Cavaleiros Brancos da Camélia Branca acreditam que é hora dos brancos se prepararem para o que será uma luta dura e sangrenta, não apenas entre as raças, mas uma batalha entre as forças do bem e do mal” (linhas 38, 39 e 40).

Alfim, consoante Ponzio (2010, p. 73), a língua é estratificada em dialetos linguísticos e “[...] em linguagens ideológico-sociais, de grupo social, ‘profissionais’, de ‘gênero sexual’, de geração etc.”. Ao examinar o artigo de opinião, observou-se uma correlação de linguagens bélica, institucional, fundamentalista, supremacista, matemática, islamofóbica, negrofóbica, antissemita a caracterizarem, na produção de sentido, o estilo discursivo da KKK. Percebe-se haver, em cada linguagem assinalada, a expressão de um posicionamento que, situado em certo tempo-espço, ataca grupos raciais dominados na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em resposta a vozes alheias, apesar do caráter sombrio, é inegável que a organização KKK continua a operar nos EUA e, por consequência, a planejar novos recrutamentos, a humilhar sujeitos historicamente marginalizados, a arrecadar fundos por meio de criptomoedas, doutrinar sobre a crença de superioridade e inferioridade racial, a denunciar a imigração de pobres e latinos, a apoiar candidatos de extrema direita e a se posicionar no campo político institucional.

Diante desse contexto, buscou-se compreender seu estilo discursivo com vistas a analisar a relação entre forma e conteúdo na produção de sentidos. Nessa perspectiva, o locutor presente no enunciado examinado emprega uma rede signo-ideológica formada por “batalhas raciais”, “guerra racial total”, “ódio contra os brancos”, “cansados de assumir a culpa”, “crimes”, “conflito racial” para produzir sentidos de



guerra e responsabilidade história pela escravização. Também mobiliza, de um lado, “povo escolhido de Deus”, “cristãos brancos”, “israelitas cristãos brancos”, “seguidores de Cristo” para refratar o branco como uma entidade superior e sagra, de outro, “não brancos”, “Nação do Islã”, “homens e mulheres negros”, “as pessoas mais violentas”, “imigração não-branca”, “filhos de Satanás”, “judeus” para refratar grupos racializados dominados como inferiores e malignos.

O referencial teórico-filosófico se ancorou nas obras de Bakhtin (2015, 2016) e Volóchinov (2019a, 2019b, 2019c) quanto à noção de forma, conteúdo e campo de atividade, o que ensejou a reflexão que o enunciado é constituído por discursos e linguagens que lhe constituem como unidade discursiva em um campo de atividade humana. Assim, a KKK usa o artigo de opinião para veicular pontos de vista racistas sobre o branco, o negro e a ideia de guerra racial no campo das mídias digitais, o que caracteriza seu estilo discursivo.

Houve cinco atos procedimentais: i) caracterização e escolha das organizações; ii) observação e registro das interações discursivas; iii) esboço das questões de pesquisa; iv) análise dialógica dos enunciados; v) escrita e apresentação da conclusão. A partir dos critérios de escolha, pôde-se observar o impacto social do discurso ao enaltecer uma perspectiva distorcida do branco como supremacia e inferiorizar o negro, judeu, e imigrante pobre.

Pôde-se compreender, ademais, que o mago imperial ocupa a posição de liderança na organização, guiando a população branca na batalha contra grupos marginalizados, por meio de reuniões sagradas de racismo, onde são queimadas cruces e suásticas. Além disso, a liderança política de Donald Trump é vista como uma possibilidade de vitória para os seguidores de Cristo em uma suposta guerra racial. Sua eleição encontrou simpatia por parte da KKK e a imagem dos EUA é ressignificada para legitimar medidas extremistas da população branca, usando grupos determinados como alibi para justificar uma suposta guerra racial total, como indicado na análise.

Finalmente, entende-se que, com respaldo da ética bakhtiniana, todo sujeito é responsável por seus atos éticos na convivência social. Por isso, sempre que possível, foram denunciadas todas as URLs relacionadas a páginas digitais da KKK e suas ramificações, já que têm o potencial de recrutar novos membros. É crucial combater o racismo tanto na sociedade estadunidense quanto na brasileira, pois dirigir esse tipo de violência ao outro resulta em degradação moral e pode levar à morte. Como



mencionado, uma rede global de organizações neonazistas se estende pelo mundo, com subdivisões em vários países, na tentativa de convencer seus interlocutores de que existem raças biologicamente puras e impuras, o que viola a dignidade humana.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

AMEUR, Farid. **A Guerra de Secessão 1861-1865**. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2005.

BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2015.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016.

BAKHTIN, Mikhail. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução: Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. 3. ed. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

BALLECK, Barry. **Hate groups and extremist organizations in America: an encyclopedia**. 1. ed. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, 2019.

DISCINI, Norma. Bakhtin: contribuições para um estilística discursiva. *In*: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (org.). **Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável**. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 115-148.

GRANT, Susan-Mary. **História Concisa dos Estados Unidos da América**. Tradução: José Ignacio Coelho Mendes Neto. 1. ed. São Paulo: EDIPRO, 2014.

MOREIRA, Adilson. **Racismo recreativo**. 1. ed. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020.

NASCIMENTO, João Luiz Serrano do. **Nativismo e imigração nos Estados Unidos: uma análise da política de “tolerância zero” de imigração de Donald Trump de 2017 a 2018**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) - Curso de Relações Internacionais, Faculdade Damas da Instrução Cristã, Recife, 2019. Disponível em: <https://revistas.faculdadedamas.edu.br/index.php/academico/article/view/2038>. Acesso: 11 fev. 2023.

PONZIO, Augusto. O debate entre o estruturalismo linguístico e a dialogia bakhtiniana sobre o conceito de linguagem. *In*: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa (org.). **Círculo de Bakhtin: diálogos (in)possíveis**. 1. ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010, p. 69-100.



RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. O discurso polêmico e grotesco da Ku Klux Klan nestes últimos tempos. *In: Rodas de Conversa Bakhtiniana*, 2021, Belém. O grotesco de nossos tempos: vozes, ambientes, horizontes. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021a. p. 1066-1072.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. O racismo e o lucro no discurso midiático: uma investigação sobre o enunciado 'Arbeit Macht Frei' em camisas de lojas virtuais. *In: III Encontro Regional de Linguística e Ensino de Língua Portuguesa*, 2021, Arcoverde. Apenas três... Discussões temáticas em língua, literatura e ensino. Arcoverde: Kandarus, 2021b. p. 1131-1146.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes; ROSA, Kelli Machado. Análise do discurso do Ex-secretário Especial da Cultura: vozes (neo)nazistas e(m) diálogo tropicalizado. **Afluente**: Revista de Letras e Linguística, São Luís, v. 6, p. 124-145, jul./dez. 2021a. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/afluente/article/view/16427>. Acesso em: 24 mai. 2023.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes; ROSA, Kelli Machado. Signos de ódio, terror e crueldade: o horizonte ideológico de uma organização (neo)cristonazifascista. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 56, p. 610-623, set./dez. 2021b. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2021.3.40696>. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/40696>. Acesso em: 24 mai. 2023.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes; SARATT, Luciana. A nação, o Trump e o povo: a trindade do populismo popular-nacionalista neofascista da organização QAnon. *In: Janete Webler Cancelier; Helena Maria Beling; Marielen Priscila Kaufmann. (org.). Debates e discussões: ampliando olhares sobre a pesquisa*. 1. ed. Santa Maria: Arco Editores, 2021, v. 1, p. 106-119.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. Em nome da raça, do orgulho e do povo branco: polêmicas veladas na construção do discurso da organização criptonazista White Lives Matter. *In: MACHADO, Gabriella Eldereti; COSTA, Sabrina Copetti da; FOLMER, Ivanio. (org.). Debates contemporâneos: perspectivas e reflexões atuais*. 1. ed. Santa Maria: Arco Editores, 2022a, v. 2, p. 408-426.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. Discurso e arianismo: tensões raciais na propaganda da organização supremacista Nação Ariana. *In: MACHADO, Gabriella Eldereti; COSTA, Sabrina Copetti da; FOLMER, Ivanio. (org.). Debates contemporâneos: perspectivas e reflexões atuais*. 1. ed. Santa Maria: Arco Editores, 2022b, v. 2, p. 296-309.

RODRIGUES, Marcos Alexandre Fernandes. **Racismo, segregação e morte**: análise dialógica do discurso das organizações Ku Klux Klan e White Lives Matter em mídias digitais. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2023. Disponível em: <https://sistemas.furg.br/sistemas/sab/arquivos/bdtd/3d820364b0f22760876025fab7fa0cae.pdf>. Acesso em: 30 mai. 2023.



SCHUCMAN, Lia Vainer, V. **Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”**: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. 2012. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-21052012-154521/pt-br.php>. Acesso em: 9 fev. 2023.

SÉRIOT, Patrick. **Vološínov e a filosofia da linguagem**. Tradução: Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

SOUTHERN POVERTY LAW CENTER. **Ku Klux Klan: A History of Racism and Violence**. 6 ed. Montgomery, Alabama: Southern Poverty Law Center. 2011. Disponível em: <https://www.splcenter.org/sites/default/files/Ku-Klux-Klan-A-History-of-Racism.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2022.

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019a, p. 109-148.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário I: o que é a língua/linguagem? In: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019b, p. 234-265.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: a construção do enunciado. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2019c, p. 266-305.

Submetido em: 17/03/2023

Aceito em: 02/06/2023

¹ Hoje em dia, é impossível apregoar que a KKK é um mero grupo. Trata-se de uma organização com estratégias de recrutamento e difusão de propagandas em diferentes países. Há, em suas páginas digitais, meios para angariar fundos via criptomoedas. Além disso, disponibiliza endereços para receber as entregas de seus apoiadores.

² Sobre a escolha do nome, defende-se uma hipótese após anos de investigação em *sites* da KKK. Em primeiro lugar, relata-se ter havido por parte dos soldados ex-confederados a sugestão de *KuKlos* que, do grego, significa círculo. Em seguida, talvez devido à aliteração, um recurso fônico de intensidade, agregou-se a palavra *Clan* que, do inglês, significa clã. Em razão de um paralelismo linguístico, sucedeu-

se o nome *Ku Klos Klan* e, por fim, provavelmente por força de um tipo de alçamento vocálico, *Ku Klux Klan*.

³ Os signos ideológicos “traidores de raça” são frequentes nos artigos de opinião da KKK, uma vez que designam brancos que teriam se casado com negros, o que, em seu ponto de vista, degradaria uma linhagem pura de sangue. Nessa perspectiva racista, o sangue é o fundamento para a cidadania e os direitos que dela decorrem. Por isso mesmo, os integrantes dessa organização são favoráveis a uma nova escravização do negro e a abolição de todas as Emendas Constitucionais.

⁴ Império invisível é uma metáfora usada por membros da KKK para designar o estatuto de sua organização. Nesse sentido, eles consideram-se ser a própria lei, o que explica o assassinato em massa de negros e negras na sociedade estadunidense.

⁵ De certa maneira, a palavra não é abordada como um fenômeno isolado nesta pesquisa, mas como um fenômeno que surge na situação extraverbal e, com ela, mantém uma relação viva (VOLÓCHINOV, 2019a). Portanto, ao ser enunciado por um integrante de uma organização de terror, veicula-se com ela um tom de desdém acompanhado pelo ódio ao que é visto como diferente, uma vez que existe o subentendido e um horizonte social que lhe caracterizam.

⁶ Para Balleck (2019), David Duke foi o fundador do *Confederate White Knights of the Ku Klux Klan* (Cavaleiros Brancos Confederados da Ku Klux Klan). Ele liderou as organizações supremacistas brancas *The European-American Unity* (A União Europeia-Americana) e *Rights Organization* (EURO). Foi mago imperial do *Knights of the Ku Klux Klan* (Cavaleiros da Ku Klux Klan).

⁷ De acordo com Balleck (2019), ele é um ex-membro da KKK que fundou o *Stormfront*, maior e mais antigo fórum de supremacismo branco. Ao sair da prisão, devido à conspiração para derrubar o governo da Dominica, observou o potencial das mídias digitais para divulgar seu pensamento racista. No ano de 2015, em março, o *Stormfront* completou 20 anos de existência em que apologistas do supremacismo branco reúnem-se para compartilhar pontos de vista relacionados à exclusão e eliminação do outro.

⁸ Com base em Balleck (2019), sabe-se que Green Beret Frazier Glenn Miller foi o fundador do *White Patriot Party* (Partido Patriota Branco) em 1980, uma organização paramilitar de identidade cristã da KKK. Ele foi responsável por um tiroteio em um centro judaico que causou a morte de três pessoas, incluindo um menino de 14 anos e seu avô.

⁹ Na concepção de Discini (2010), o campo de atividade é responsável por produzir e legitimar gêneros discursivos que supõem práticas sociais consolidadas, tais como o religioso, jurídico, escolar, literário, folclórico, científico, entre outros. Cada gênero possui uma temática específica e uma estrutura composicional e estilo próprios.

¹⁰ Nessa perspectiva de Ponzio (2010), é importante destacar que o sentido de um enunciado não se limita ao seu conteúdo verbal explícito, sendo influenciado também pelos subentendidos que o permeiam. Em outras palavras, o enunciado é composto por duas partes: uma parte verbalizada e outra presumida, que complementam e contribuem para a compreensão global do que está sendo dito.

¹¹ Para Discini (2010), a escolha que o locutor faz ao utilizar uma determinada forma gramatical ou gênero é considerada um ato estilístico. Porém, essa escolha não é completamente livre de influências externas, já que é moldada por diversos fatores, como contexto social, cultural e histórico.

¹² Conforme Ponzio (2010), o enunciado é composto por elementos sógnicos e não sógnicos que estão presentes na interação social. O aspecto não sógnico é formado por diversos elementos, como a) o contexto espaço-temporal compartilhado pelos falantes, que se refere a tudo o que é objeto de percepção conjunta do locutor e interlocutor; b) os conhecimentos que são compartilhados entre ambos; c) a constelação de valores que são evocados pelo sentido do enunciado; e d) as condições materiais de vida tanto do locutor quanto do interlocutor. Todos esses elementos têm influência na forma como o enunciado é produzido e interpretado na interação discursiva.

¹³ Como ensina Discini (2010), o enunciado pressupõe um interlocutor com seu julgamento social a depender de sua compreensão ativo-responsiva.